

o todo da cidade consolidada. Espera-se, entretanto, pela prometida reforma do arrendamento, com vista à reabilitação do parque edificado. E anunciam-se iniciativas específicas, por exemplo com a construção de silos automóveis em algumas zonas de Lisboa – medida indispensável para recuperar a atractibilidade dos bairros residenciais.

No entanto, face ao número avassalador dos fogos devolutos – frequentemente de prédios inteiros – tais medidas não serão suficientes, nem sequer com os incentivos e financiamentos previstos no Programa RECRUA e seus sucedâneos. Isto, porque se difundiu a ideia errada de que as habitações estão desocupadas por estarem degradadas – o que não é o caso de uma grande parte delas. O que motiva tal situação é sobretudo um fenómeno de especulação e entesouramento, o que, a exemplo do que acontece noutros países, apenas uma forte penalização fiscal poderá obrigar a colocar esses fogos no mercado. A eficácia desta medida residiria no seu carácter geral e na rapidez dos seus resultados.

Quanto à urbanização das periferias ou da chamada cidade difusa que integra a Área Metropolitana, uma medida importante foi recentemente tomada: o fim dos incentivos financeiros à construção nova, o que, juntamente com a abundância da oferta, poderá contribuir para estancar a expansão indiscriminada das últimas décadas. Mas haverá aqui que rever os instrumentos de planeamento, fazendo com que a construção nova se desenvolva no sentido de defender os valores ambientais, reforçar as centralidades, consolidar os tecidos esparsos construídos e dotar essas áreas dos necessários equipamentos. E, ainda, de articular todo este processo com a racionalização e rentabilização dos sistemas de transporte público. É inaceitável, por exemplo, que grandes parques de escritórios ou mega-centros comerciais sejam licenciados sem a condição de serem servidos por transportes colectivos pesados.

Como objectivo central, trata-se, no essencial, de orientar, tanto o mercado como os investimentos públicos, para dotar a cidade-região com uma estrutura urbana equilibrada e consolidada, funcionando em rede, valorizando as identidades locais e tendo como pólo principal, funcional e simbólico, a metrópole de Lisboa.

LISBOA VIRTUAL

Carlos Fontes*

Lisboa Virtual

A Lisboa de que aqui falamos é de uma realidade nova com um estatuto virtual. A fim de evitar possíveis confusões vamos, desde já, precisar os termos. Na significação corrente, real é tudo aquilo que é dado pelos sentidos. A realidade é um conceito mais abrangente, podendo ser real ou virtual. Pode ter uma existência física ou apenas imaginária. A emergência dos sistemas computacionais vieram alargar o conceito virtual. Desde há duas décadas que se vulgarizou o termo de realidade virtual para um novo tipo de realidade apenas acessível através de sistemas informáticos. Trata-se de uma realidade construída, em linguagem binária, existente e difundida através de redes mundiais de computadores, como a Internet. Nesta breve síntese deixamos, por agora em aberto, a questão da correspondência entre o real e o virtual.

É nesta Lisboa construída no ciberespaço¹, um espaço público novo, que vamos centrar a nossa atenção.

1. Espaços Públicos

Os espaços públicos, onde os cidadãos se encontram para recolherem informação e discutirem assuntos de interesse comum, são inerentes a qualquer regime democrático. Eles funcionam como mediadores entre o Estado e a sociedade civil. É neles que se formarão as correntes de opinião e se geram os consensos sociais.

* Professor do Ensino Secundário. Director de *O Jornal da Praceta*.

¹ Ciberespaço – Espaço representado pelo conjunto da informação proveniente de todos os computadores do mundo e passível de ser partilhada em rede.

São lugares por excelência para a intervenção cívica, que pode assumir múltiplas formas desde as conversas de café à publicação de notícias nos jornais.

A Internet, cuja grande expansão a nível mundial ocorreu a partir de 1995, constitui uma verdadeira revolução nas formas de intervenção em termos de espaço público. Este espaço deixou de ter apenas uma realidade física (café, praça, assembleia, etc), para ser também uma realidade imaterial presente na rede de computadores – ciberespaço – ligados entre si a partir de qualquer lugar. O que este espaço trouxe de novo foi que nele os cidadãos podem não apenas recolher informações, discutir, mas também publicar as suas opiniões com custos mínimos, obtendo uma audiência global. Os conhecimentos e os recursos técnicos requeridos para esta acção são muito elementares, acessíveis a qualquer pessoa. Com a internet os cidadãos passaram a ter um novo e poderoso meio de intervenção cívica. Muitos, rapidamente, o perceberam. Estes novos veículos de informação e comunicação ultrapassam assim a filtragem de notícias feitas pelas chefias e redacções dos órgãos de comunicação tradicionais. Facto que só por si, para alguns analistas do fenómeno, constitui uma verdadeira revolução nas relações entre os cidadãos e a esfera pública.

2. Sites sobre Lisboa

Na vastidão de imagens de Lisboa no ciberespaço, interessa-nos apenas as que são veiculadas em alguns sites (lugares), cujos conteúdos são criados de forma intencional para alterarem a nossa percepção da cidade e mobilizarem os cidadãos para acções de intervenção cívica concertada.

A explosão da Internet, em 1995, foi logo percebida como um novo espaço de enormes possibilidades comunicativas. Neste ano é editado o primeiro site sobre Lisboa, e seis anos depois, surgia o primeiro jornal electrónico de bairro. Estas e outras iniciativas similares, assumiram-se, desde o princípio, como meios de intervenção social, veiculando uma informação que os autores julgaram pertinente para os seus concidadãos, apelando constantemente à sua mobilização cívica

A análise dos motivos que alegadamente terão estado na sua origem, entre 1995 e 2004, permite-nos constatar cinco motivações fundamentais:

- a) **Evocação das memórias da cidade.** Site de referência: Páginas de Lisboa (1995)
Páginas de Lisboa (<http://lisboa.kpnqwest.pt/>). No longínquo ano de 1995, Hugo de Carvalho, resolveu fazer um site sobre Lisboa. Registou a imagem tradicional da cidade. Em 1997, deixou de o actualizar, e assim ficou até aos nossos dias. Esta Lisboa virtual ficou, assim, suspensa no tempo. O que, bem vistas as coisas, é uma grande sorte, pois constitui um autêntico documento histórico sobre a infância dos sites sobre a capital.
- b) **Luta contra o abandono da cidade.** Site de referência: Lisboa Abandonada (2001)
Lisboa Abandonada (<http://lisboa-abandonada.net>). No estrangeiro, Pedro Fonseca, em 2000, recordou-se de Lisboa e das suas casas abandonadas (mais de 30 mil em 2003). Criou um site para alertar para o estado de degradação da cidade, mas acrescentou-lhe uma importante novidade: as imagens dos edifícios em ruína. Outras pessoas juntaram-se, entretanto, ao projecto. O crescente número dos registos fotográficos de edifícios em adiantado estado de degradação evidenciou, com a força que as imagens lhe deram, a necessidade de uma intervenção profunda em termos de requalificação dos edifícios da cidade. Por estas e outras razões, este site foi alvo de uma atenção particular pela comunicação social.
- c) **Defesa do seu património:** Site de referência: Odéon (2002)
Ódeon. Perante a destruição de mais um cinema de Lisboa, Paulo Ferro, em 2002, cria uma página para unir pessoas em torno de um projecto comum: salvar o Cinema Odéon. Entre as acções inovadoras que desenvolveu, conta-se a de um virtual leilão de cadeiras do cinema. Dois anos depois, o seu autor desistiu do projecto, alegando que teria sofrido pressões .
- d) **Oposição a medidas camarárias.** Sites de referência: Jornal da Praceta (2001) e Bairro Azul (2002)
Jornal da Praceta (<http://jornalpraceta.no.sapo.pt>). Teve início no verão de 2001 ligado ao protesto contra mais um atentado urbanístico prati-

cado pela CML: a destruição de um jardim público. Opôs-se com firmeza às negociatas camarárias dos parques privados de estacionamento em jardins públicos. De *Jornal de Rua*, passou a jornal das freguesias de Alvalade, Campo Grande e São João de Brito. Nesta expansão desdobrou-se em novos jornais. Hoje integra a única rede de sites dedicados a Lisboa. Em 2003, passou a fazer parte da primeira rede de site temáticos em Portugal (<http://florbis.no.sapo.pt>), que registou durante 2004 um total de 921.519 visitantes (sites únicos) e largos milhões de *hits*. No ano de 2005, o jornal passou a ter também comentários audio (PostCat em mp3).

Bairro Azul (<http://www.bairroazul.net>). Corria o ano de 2002 quando surgiu o site do Bairro Azul. Era o órgão de ligação dos seus moradores, mas também de difusão da sua luta contra o estacionamento caótico no bairro. Hoje é o órgão de uma Associação de Moradores e divulga não só as suas acções, mas também o comércio local.

A enorme diversidade dos temas abordados por estes sites, contra a descaracterização e adulteração do seu edificado e do seu espaço público, espelha a complexidade das questões ao nível destas comunidades urbanas, mas também as solicitações e sugestões dadas pelos próprios moradores. A sua produção assenta num compromisso entre a vontade dos seus criadores e aquilo que os moradores gostariam de ver abordado no jornal do seu bairro.

e) **Repensar a Imagem da cidade:** Jornais de referência: *Alface Voadora* (2001), *Viva Lisboa* (2003).

– **Alface Voadora.** O projecto começou a 1 de Maio de 1997. Oferecia uma visão moderna de Lisboa, mas onde não se esquecia o seu passado. A 21 de Junho de 2002 devido a dificuldades de manutenção foi suspenso. Fica o pioneirismo.

– **Viva Lisboa** (<http://lisboa.do.sapo.pt>). Numa altura em que a imigração entrou no quotidiano dos lisboetas, *Viva Lisboa* pretendia explorar os contrastes de ambientes, histórias e percursos pessoais. Até agora não passou das intenções.

3. *Blogues*

A explosão dos blogues, a partir de 2003, representa uma nova etapa das imagens virtuais de Lisboa. A extrema simplicidade da construção destes sites tornou-os rapidamente muito populares. A maioria dos blogues transmite uma visão muito pessoal ou intimista de Lisboa. Os mais interessantes têm a forma de diários, com episódios vividos, notas circunstanciais, sem qualquer intenção de sistematização. As datas dos textos são, por vezes, a única indicação para a orientação do leitor. Esta comunicação informal tem sido, desde 2004, explorada pelos partidos políticos, que criaram blogues sobre Lisboa como forma de se aproximarem dos eleitores.

Nesta perspectiva, muito circunstancial, não podemos deixar de assinalar as petições electrónicas. A primeira que ocorreu foi sobre o famigerado elevador do Castelo de S. Jorge (2001). Desde então, muitas outras têm sido promovidas, com mais ou menos êxito.

4. Funções dos jornais electrónicos de bairro

Em todos os recursos electrónicos que os cidadãos utilizam para intervir na cidade, os jornais de bairro são seguramente os mais complexos, nomeadamente pela sua articulação com os moradores e pelos seus aspectos inovadores.

a) **Informação sistematizada.** Ao contrário da informação veiculada pelos periódicos convencionais, nestes jornais, as novas notícias não apagam as anteriores, antes as complementam ou rectificam. Deste modo, oferecem aos leitores uma informação temática, estruturada sobre a forma de dossiers, dando uma perspectiva de continuidade que nenhum outro jornal possui. Este é, talvez, um dos seus aspectos mais inovadores, pois opõe-se à voragem dos grandes órgãos de comunicação social: os problemas aqui arrastam-se, quando o grande público já pensa que desapareceram.

b) **Informação acessível.** Operando sobre uma rede mundial, estes jornais electrónicos permitem um acesso instantâneo da informação a qualquer hora e lugar, onde quer que o leitor se encontre, desde que tenha um

computador e um acesso à rede. A gratuidade da informação é outro dos aspectos a reter, pois coloca em evidência a dimensão iminente-cívica deste tipo de projectos.

- c) **Afirmação da identidade dos bairros.** A existência de um jornal electrónico de bairro constitui uma referência comum para os moradores do mesmo. Em casa ou na escola da zona, a informação veiculada pelo jornal potencia a formação de laços de pertença, a partir da constatação de que partilham um espaço e referências comuns. Conscientes desta função, os jornais electrónicos dedicam, naturalmente, uma grande importância à divulgação das histórias locais, património e figuras emblemáticas, como forma de estimular os sentimentos de pertença, em bairros povoados de gente anónima.
- d) **Orgãos de expressão dos moradores.** Os jornais de bairro fazem eco de protestos e anseios dos moradores. Constituem, a nível local, verdadeiras ágoras electrónicas. À escala da cidade de Lisboa, muitos dos problemas que aqui são debatidos, têm contudo uma reduzida relevância, mas localmente a sua dimensão é enorme pela carga emotiva que frequentemente envolvem.
- e) **Intermediários entre as comunidades locais e os órgãos de comunicação social.** Uma das primeiras constatações que no Jornal da Praceta fizemos, prendeu-se com o papel de intermediários que estes jornais desempenham. Muitos dos casos que relatam tornam-se, depois, notícias nos principais órgãos de informação que omitem frequentemente a própria fonte. Os próprios jornalistas socorrem-se bastantes vezes dos mesmos dados, ou solicitam a sua colaboração para elaborarem peças jornalísticas na imprensa escrita. A proximidade face aos acontecimentos é factor decisivo para os jornais electrónicos.

5. Imagens veiculadas

Que imagem da cidade é veiculada pelos jornais electrónicos? Pela sua própria natureza são imagens, em geral, não institucionais. Estes jornais procuram abordar os problemas ainda não tratados, o ausente na cobertura

jornalística. O pequeno acontecimento quotidiano, marcado pelo contexto local em que ocorreu, tem aí uma relevância excessiva para os leitores da grande imprensa. No entanto, localmente está repleto de significação, e suscita uma viva curiosidade.

Em certo sentido, podemos falar da perspectiva do cidadão-comum, numa informação não filtrada pelas redacções dos jornais ou pelas agências de notícias.

6. Problemas

Os jornais electrónicos enfrentam alguns problemas que não podem ser descurados na presente análise:

- a) **Expansão da Internet.** O número de visitantes está muito dependente do número dos potenciais leitores que possuem acesso à internet. Não é, todavia, seguro que, no futuro, este aumento só por si implique mais leitores. Na verdade, a expansão acaba também por provocar uma maior dispersão dos potenciais leitores devido ao aumento da oferta na rede.
- b) **Financiamento para a actualização permanente.** À facilidade de criar um site corresponde a dificuldade em mantê-lo actualizado e com conteúdos capazes de despertar o interesse de novos leitores. A actualização dos sites consome imenso tempo, dificultando a realização desta tarefa sem apoios financeiros. Esta foi uma das razões por que alguns interessantes e prometedores projectos, como vimos, acabaram por ser abandonados.
- c) **Credibilidade.** A recepção da informação veiculada na internet, à medida que se expande e revela a pluralidade de interpretações, tende a aumentar o problema da sua credibilidade. Para além do mais é extremamente fácil veicular notícias falsas e anular depois os vestígios das mesmas, assim como dos seus emissores.
- d) **Registos efémeros sobre a vida da cidade.** Um dos aspectos mais problemáticos da imprensa electrónica é o da efemeridade dos seus registos.

As suas permanentes actualizações apagam, por vezes, a informação anterior; não havendo qualquer arquivo público onde possam ser consultadas. A memória de inúmeros acontecimentos por ele veiculados evapora-se a todo o momento. De alguns dos sites anteriormente referidos, o único registo que possuímos está no eco que obtiveram na imprensa escrita.

7. Utopias comunicacionais

O universo da comunicação, em particular a que recorre a meios electrónicos, é objecto, desde há muito, de um debate ideológico sobre as suas consequências. Este debate é vivido com algum entusiasmo por aqueles que dedicam uma parte do seu tempo a criar tais órgãos de informação. Qual a finalidade do seu trabalho? Estarão a promover uma intervenção cívica ou a reforçar os mecanismos de controlo dos cidadãos?

Grandes perspectivas em confronto:

- a) **Controlo total da informação.** A informática em geral, e as bases de dados, continuam a suscitar os piores cenários sobre o futuro. As novas máquinas revelam-se extraordinariamente poderosas na acumulação, tratamento ou pesquisa de dados. Mais informação disponibilizada significa maiores possibilidades de controlo. Num futuro, que para muitos é já presente, a vida privada estará desta forma em risco. Nesta perspectiva, a acumulação de dados na internet, nomeadamente através dos jornais electrónicos de bairro, não passa de mais um contributo para fortalecer o controlo sobre os indivíduos. O quotidiano dos bairros está a ser devassado, através dos jornais electrónicos, pelos próprios habitantes.
- b) **Alargamento do poder de intervenção dos cidadãos na esfera pública.** As experiências a nível global na internet parecem desmentir os cenários mais catastrofistas sobre a emergência de um controlo global da informação. A produção e difusão de informação pelos próprios cidadãos, ao criar fontes de informação alternativas, dificulta seriamente a possibilidade da construção de um poder único. Ao introduzirem outras inter-

pretações dos acontecimentos, potenciam o desenvolvimento de sociedades plurais. Nada melhor para ilustrar o falhanço de todas as tentativas de controlo da informação na internet, do que verificarmos que grupos terroristas estejam a usá-la para difundirem as suas mensagens.

8. Conclusão

LisboaVirtual? A cidade que povoa o ciberespaço não tem seguramente para todos o mesmo significado. Como em tudo na vida, cabe a cada cibernauta, de acordo com sua perspectiva, estabelecer as respectivas correspondências com o real. Para muitos estes sites são puras ficções, para outros imagens reais de uma Lisboa multifacetada e eterna.